



EXPERIÊNCIAS, MEMÓRIAS E METÁFORAS:

As Olimpíadas de Filosofia do Rio de Janeiro nos relatos de um professor e de uma
aluna

Felipe Gonçalves Pinto
CEFET/RJ UnED Maria da Graça
PPFEN-CEFET/RJ

Carolina Edivik Nunes do Nascimento
Egressa do Curso Ensino de Médio Integrado em Segurança do Trabalho
CEFET/RJ UnED Maria da Graça

RESUMO: O presente texto parte de dois relatos de experiência a respeito da Olimpíada de Filosofia do Rio de Janeiro, para realizar reflexões a respeito do evento, bem como das concepções e das práticas que vieram a constituir-lo de maneira tão singular. Nesses relatos articulam-se memórias e experiências de um professor e de uma aluna de uma escola localizada no bairro de Maria da Graça, na região chamada Leopoldina, subúrbio do Rio de Janeiro. As narrativas e reflexões entretecidas nos testemunhos apresentados levam à discussão sobre os afetos mobilizados pelas relações de ensino e aprendizagem da Filosofia, sobre o sentido do nome atribuído ao evento, bem como sobre os efeitos e limites da forma competitiva e classificatória de eventos acadêmicos e escolares que vêm sendo organizados nas mais diversas áreas como “Olimpíadas de Conhecimento”. Na discussão, buscou-se dialogar com as concepções de “metáfora” de Aristóteles e de Paul Ricoeur, bem como com a obra de Lara Sayão dedicada às Olimpíadas de Filosofia em suas mais diversas formas.

Palavras-chave: Olimpíada de Filosofia; Ensino de Filosofia; Escola.

ABSTRACT:

This paper builds upon two experience reports concerning the Philosophy Olympiad of Rio de Janeiro, aiming to reflect on the event itself, as well as on the conceptions and practices that have made it so unique. These accounts intertwine the memories and experiences of a teacher and a student from a school located in the neighborhood of Maria da Graça, in the region known as Leopoldina, a suburb of Rio de Janeiro. The narratives and reflections woven into the testimonies lead to a discussion on the emotions triggered by the teaching and learning relationships in Philosophy, the significance of the event's name, and the effects and limitations of the competitive and classificatory format of academic and school events organized in various fields as "Knowledge Olympiads". In the discussion, the aim was to engage with

Aristotle's and Paul Ricoeur's conceptions of "metaphor", as well as with Lara Sayão's work dedicated to Philosophy Olympiads in their various forms.

Keywords: Teaching of Philosophy; Philosophy Olympiad; School.

Introdução

Apresentamos aqui dois relatos, um de um professor e um de uma aluna, sobre as Olimpíadas de Filosofia do Rio de Janeiro. As experiências são diversas em cada um dos relatos, que se referem a edições diferentes da Olimpíada. Talvez este seja mais um relato de confusões do que de experiência. Talvez a confusão e o iminente erro sejam a experiência. De certo modo, relatamos para transformar a confusão em sentidos e sentimentos ou seja: transformá-la em experiência.

Começaremos com uma experiência de memória e de ausência de um tipo bem singular. É verdade que todo relato opera na dimensão da memória. Mas também é verdade que a memória que trabalhada no relato pode se apresentar em diferentes formas, suportes e configurações. Relatos, sejam eles orais ou escritos, bem como relatórios, diários de bordo, documentos e arquivos são alguns exemplos dessa variedade que inexoravelmente envolve a percepção e a imaginação, a observação, o testemunho, a leitura de mundos, a interpretação e as emoções. No relato em questão, entra em cena a memória de um acontecimento do qual o relator não participou, mas que o alcançou pelos relatos de outros colegas, pelos quais se produziram mudanças no imaginário do que seja uma olimpíada de filosofia, assim como no desejo e nas expectativas de participação. Depois de apresentar a memória das olimpíadas de que não participou, o relato do professor se encerra com o evento que abriu a Olimpíada de 2017, em Petrópolis, primeira olimpíada da qual ele participou efetivamente. Nessa ocasião aconteceu algo que trouxe à tona e pôs em xeque alguns aspectos da relação entre professor e alunos tal como era preconcebida por ele, mostrando-se problemáticos, senão mesmo contraditórios diante de um ideal emancipatório de formação.

Passaremos, em seguida, ao relato da aluna que, partindo do assombro com o nome, chega à ilha de Paquetá, sede da Olimpíada de 2019, e ao encantamento com as atividades do evento. Parte importante desse relato é a memória dos encontros de preparação para a Olimpíada que, embora não faça parte dela, não aconteceriam se não

houvesse Olimpíada e não aconteceriam do modo como aconteceram se ela não fosse uma Olimpíada tal peculiar, diferente daquelas baseadas nas tradicionais provas. Essa preparação se inscreve, portanto, no âmbito da Olimpíada de Filosofia do Rio de Janeiro. Ocorre, inclusive, de os professores, reunidos em grupo de aplicativo de mensagens, conversarem sobre a preparação e compartilhar propostas de atividades para afiar a percepção e atenção dos estudantes, ambientá-los às expectativas de hospitalidade, comunidade e publicidade da Olimpíada.

Relato do professor

A primeira Olimpíada de Filosofia de que participei foi a que ocorreu em Petrópolis, no ano de 2017. Dois anos antes, em 2015, eu já havia sido convidado pelos meus colegas do CEFET/RJ a participar da edição que ocorreu no Colégio Militar. É sobre essa, a primeira olimpíada da qual não participei, que pretendo começar meu relato.

Recebi com espanto o convite feito pelos colegas. Numa das reuniões que na época fazíamos como professores de Filosofia do CEFET/RJ, alguém anunciou que haveria uma olimpíada de filosofia e todos foram convidados a participar e levar estudantes que tivessem interesse. O evento ocorreria ao longo de um sábado, no dia 10 de outubro de 2015. Embora algum professor tenha explicado que não se tratava de aplicação de prova, mas sim de oficinas, no meu imaginário havia um muro entre a ideia de “Filosofia”, de um lado, e as de “Olimpíada” e “Colégio Militar”, de outro lado. A única experiência que eu havia tido como professor era a olimpíada de matemática, que consistia em uma série de provas aplicadas de forma eliminatória e classificatória, que, no cotidiano escolar, vinham a se juntar às provas bimestrais num processo de agudização dos sentimentos relacionados à ansiedade e ao medo nas turmas, gerando um ambiente pouco favorável ao que entendo como ambiente saudável e propício ao filosofar. Mesmo assim, era uma experiência de proximidade apenas, de alguém que acompanhava o processo no dia a dia da escola, que nunca participou diretamente do evento, sempre restrito aos professores de matemática, mas que me fazia esperar que em algum momento da olimpíada de filosofia, ainda que em outro formato, haveria um pódio com entrega de medalhas aos mais excelsos jovens filósofos, ao som do hino

nacional. E era um muro cuja altura as tensões políticas que se acentuavam no país naquele ano só faziam aumentar e cujos impactos na educação vieram a se materializar na Reforma do Ensino Médio desencadeada pela MP 746/2016, uma das primeiras medidas de Michel Temer depois do golpe, um ano após as Olimpíadas realizadas no Colégio Militar.

A segunda olimpíada da qual não participei foi a de 2016, em Búzios. Foi uma olimpíada de que não participei de forma diferente, pois entretimentos tive contato com os relatos que valorizaram no meu imaginário o evento de 2015, aquele sediado no colégio militar. Seria em outro município e duraria dois dias, com estudantes e professores alojados em uma escola da cidade. A proposta chamou minha atenção e foi capaz de deslocar o olhar que eu lançava a uma imaginária olimpíada de filosofia para uma perspectiva em que poderia vislumbrar o ensino de filosofia que, como professor, eu gostaria de um dia vir a aprender. Por algum motivo, do qual já não me recordo, eu não consegui ir a Búzios participar do evento, nem mesmo cheguei a divulgá-lo entre minhas turmas de ensino médio. Dessa vez, no entanto, as pessoas que participaram voltaram com mais histórias. Lembro de meus colegas terem contado de um luau na praia que não deu muito certo porque começou a chover, além de uma passeata organizada pelos estudantes para protestar contra a reforma do ensino médio. Tive a impressão de que a olimpíada tinha sido uma aventura, que muito do planejado havia dado errado.

Mal podia imaginar, mas talvez já suspeitasse, que a Olimpíada de Filosofia do Rio de Janeiro era tempo e lugar das coisas darem errado. Não tinha em mente as errâncias que ainda estavam por vir: que, nos anos seguintes, se preparasse uma oficina para vinte pessoas, iriam cinco e, se preparasse para cinco, iriam vinte; que uma atividade de vinte minutos duraria duas horas e à de duas horas só restaria meia hora; que quando eu organizasse as inscrições de estudantes das minhas turmas para participar da olimpíada, os inscritos não poderiam ir por algum compromisso familiar ou prova e, de última hora, apareceriam outros com autorização nas mãos para embarcar rumo a cidade olímpica da vez; que os vídeos que faríamos tomariam rumos completamente diferentes do planejado; que iria me encontrar não comigo mesmo, mas com o outro professor que em sala nunca consegui ser.

Mais tarde pude ouvir novamente os relatos saborosos e encantados a respeito da olimpíada de Búzios da boca de uma amiga que reencontrei em Maria da Graça. Geraldiny Malaguti havia estudado comigo no IFCS, eu no terceiro andar e ela no quarto, edesde então não a via. Nos reencontramos quando ela foi contratada como professora de sociologia pelo CEFET/RJ. Moradora de Búzios, onde lecionara nos anos anteriores, entrou de cabeça na Olimpíada de 2016 e sempre me contava alguma história incrível dessas de dar alegria e redobrar os ânimos de qualquer professora ou professor. Ela me contou que uma das principais atividades daquela IV Olimpíada Estadual foi a roda de conversa com pescadores caiçaras, que boa parte das atividades aconteceram em espaços públicos e que todo o evento foi marcado pelo contexto de ocupações estudantis nas escolas contra as reformas curriculares e administrativas que assolavam o país e o estado. Acho que essa foi uma das edições mais importantes da olimpíada, da qual eu não participei, embora guarde belas memórias transmitidas pelos que dela participaram.

Em 2017, finalmente, eu decidi que iria participar da Olimpíada que viria a ocorrer na cidade de Petrópolis. Consegui reunir em Maria da Graça um grupo de cerca de quinze estudantes interessados em participar, seguindo as orientações convidativas da organização da olimpíada, compartilhei com o grupo algumas ideias metodológicas para prepararmos um texto e um vídeo como oferendas da escola aos demais participantes do evento. Para o texto, propus que criássemos um diálogo entre personagens fictícias sobre o tema “Filosofia pra quê?!”. A ideia era desenvolver coletivamente esse diálogo através de um documento compartilhado na nuvem ao qual todos teriam acesso de forma anônima. Para o vídeo, propus o esquema “povo fala”, uma proposta de produção simples, muito usada na TV brasileira, mas que parecia ter bom potencial de envolvimento da comunidade escolar e de diálogo com a sociedade, conforme já me mostrara meu colega, professor de Artes do CEFET/RJ, Luciano de Melo Dias, que já havia produzido alguns vídeos nesse formato junto à TV CEFET. As propostas foram bem recebidas e tocamos adiante.

Conseguimos vagas no ônibus contratado pelo CEFET/RJ UnED Maracanã e partimos rumo a Petrópolis. Lembro que chegamos à escola estadual Dom Pedro e levamos as bagagens para uma sala de aula ampla, bonita, compartilhada com estudantes de outras escolas. Seguimos a pé para a praça onde estava acontecendo a

abertura da olimpíada. Dois ou três professores davam aulas públicas provocados pela questão-tema: “Filosofia pra quê?!”. Minha atenção alternava entre a organização dos meus estudantes e a escuta daquela prosa numa praça em que pessoas transitando se achegavam ora parando ora passando. Ao final das falas, microfone aberto para o público. Entre perguntas e comentários dos estudantes, um aluno meu pede a fala. Eu fiquei apreensivo. O que será que ele iria falar?! A essa altura os meus estudantes já estavam espalhados no público em grupos de amigos semelhantes aos que se apresentavam em sala de aula. Eu fiquei surpreso ao vê-lo levantar o braço: senti que *talvez* ele *devesse* me consultar antes de pedir a fala. Mas não. Ele pediu a palavra sem me consultar. Quando ele tomou o microfone, meu estado emocional era de intensa apreensão, pendulando entre a expectativa de me reconhecer, na sua fala, como seu professor, uma expectativa de glória e o medo de que falasse besteiras ou coisas sem sentido, coisas erradas. Ou seja: eu me sentia responsável por avaliar, ainda que só comigo mesmo, se a fala dele era boa ou não. Talvez sentisse também que ele deveria prezar pela minha avaliação e que as pessoas poderiam até lançar-me um olhar esperando algo de mim. Mas ele não me requisitou e, que eu lembre, ninguém olhou para mim. Percebi tudo isso naquele mesmo momento tenso (e extenso) da espera e da fala, pois toda cena evidenciava que minhas expectativas eram despropositadas: ele falava para seus iguais, para mim inclusive, mas não como *seu* professor, e seu olhar se dirigia aos palestrantes, ao público, não buscava minha aprovação. Acho que ali eu percebi que o cuidado que eu praticava como professor produzia uma sensação de posse e tutela, mesmo tendo ciência dos graves limites dessa forma de docência.

Essa experiência me colocou numa situação propícia para acolher certos problemas que afetam minha atuação docente e algumas tensões que habitam o ensinar e o aprender filosofia nas formas como eu os tenho vivenciado, especialmente os conflitos afetivos meus comigo mesmo, mediados, claro, pela relação pedagógica com as outras pessoas, colegas e estudantes. Não pretendo formulá-los aqui, mas creio que boa parte deles estão presentes na minha prática constante de avaliação da minha prática e de cuidado com a qualidade da minha presença, sobretudo no que diz respeito à escuta e à observação. Sinto que o episódio de 2017 foi inaugural não só para o evento, mas também para eu assumir outras formas de ser professor de filosofia. Afinal, o que me ocorreu em 2017 foi que os afetos que me vinculavam aos *meus* alunos, às *minhas*

turmas, mostraram seu caráter de cerca, de gaiola, como dizia Rubem Alves, no interior da qual eu tinha a ilusão de educar, sem erros nem riscos, para a liberdade.

Relato da aluna

Sempre que eu comento sobre a olimpíada de filosofia, me perguntam: “Mas como assim olimpíada? É uma competição? Um jogo?” Mesmo questionamento que eu tive quando eu ouvi sobre a olimpíada pela primeira vez. Daí, fui entendendo que apesar do nome “olimpíada”, o evento foi criado com intenção de promover um espaço de troca. Um espaço de indagações, diálogo e soma; de trocas de ideias e experiências sobre os temas que permeiam a filosofia. É um espaço onde você não precisa provar que é o melhor, onde não há medalhas e nem exclusão, algo que se contrapõe com um dos aspectos muito presente na nossa sociedade atual: a competitividade.

A filosofia estimula nossa habilidade de questionar, algo muito importante que todos nós deveríamos desenvolver. Pensando nisso, os temas das olimpíadas ganham a forma de perguntas: “Filosofia pra quê?” (2017), “A felicidade é uma ilha?” (2019), “O que o mundo quer de nós?!” (2020).

Quando a gente questiona, ficamos abertos para novas informações e perspectivas, o que nos permite expandir nosso entendimento sobre o mundo e sobre nós mesmos; nos ajuda a ir além do senso comum e a buscar respostas mais profundas nos permitindo desafiar ideias estabelecidas e descobrir novas formas de pensar.

A primeira olimpíada que eu fui, foi a de 2019, tendo a pergunta: “A felicidade é uma ilha?” como tema. Aliás, a “ilha” na pergunta encaixou perfeitamente com o local onde ocorreu a olimpíada: Paquetá, uma ilha que fica a cerca de 1 hora do centro do rio; um lugar calmo, sem a agitação que temos nas grandes cidades, o que combinou com a serenidade que foi a olimpíada.

Era meu primeiro ano do ensino médio no CEFET/RJ UNED Maria da Graça, quando haviam divulgado sobre a olimpíada. Me inscrevi. Após algumas semanas, o professor Felipe reuniu os participantes de várias turmas no Palácio do Catete para debatermos sobre a felicidade, já que era proposto às escolas produzir um curta-metragem e um texto a respeito do tema. Discorremos sobre o que é felicidade para alguns filósofos como Epicuro, Aristóteles e Kant; sobre o termo “*eudaimonia*”, que é

uma palavra que se refere a uma concepção ética da antiguidade que visa ao alcance da felicidade como finalidade moral. Também decidimos ir às ruas colher depoimentos de algumas pessoas sobre o que seria felicidade para elas, dialogando com o que seria felicidade para a população no geral. Lembro que durante as pesquisas, descobrimos o maior estudo já realizado, um estudo de 85 anos, no qual a Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, conduziu sobre felicidade (MARTINS, 2016). A pesquisa os acompanhou ao longo de suas vidas, monitorando periodicamente suas alegrias e dificuldades, seu estado físico e mental. Uma de suas conclusões foi que relacionamentos positivos afetam nossa fisiologia e mantêm as pessoas mais felizes, saudáveis e as ajudam a viver por mais tempo.

A olimpíada de 2019 me deixou encantada com tudo que rolou. Foram 3 dias com muitas atividades enriquecedoras. Tivemos um momento de conversa com o líder indígena Ailton Krenak, onde ele nos trouxe a consciência sobre a terra, suas guerras e ocupações. Também aconteceram momentos de oficinas; cineclube; conto em volta da fogueira; roda de conversa com a velha guarda da mangueira que abordou o samba, a filosofia e resistência; trabalho em grupo para pensar com outras pessoas e muito mais. Confesso que queria ter ido em todas as oficinas por conta dos temas interessantes, mas não foi possível já que eram todas no mesmo horário. Acabei optando por ir na oficina de Yoga, que foi engrandecedor exercitar e conhecer mais sobre a prática milenar.

Eu comecei a me interessar por filosofia aos 14 anos, quando ela passou a me ajudar a questionar muita coisa sobre a religião da qual eu fui condicionada a ser desde bebê. Mas meu contato com a filosofia sempre foi muito dos textos, vídeos, reflexões em aulas, questões e trabalhos. E pela primeira vez na olimpíada, vivi um aprendizado diferente de tudo que eu já havia passado na escola. Lembro que pensei comigo mesma: “caramba, como falta algo disso aqui pelas escolas Brasil afora... algo sem essa obsessão em fazer o aluno decorar pra passar em uma prova... algo para o aluno levar pra vida mesmo, perguntas essenciais pra se fazer nessa jornada que é a vida.”

Acredito que, apesar de terem sido apenas 3 dias, a olimpíada foi uma oportunidade de desenvolver o meu conhecimento e a comunicação com as pessoas.

Discussão

“[A metáfora é] o transporte de um nome de uma coisa para outra coisa” (Aristóteles, *Poética* XXI, 1457b7, tradução de Eudoro de Souza)

“O uso da boa metáfora é uma maneira de evitar o que chamamos de ‘lugar comum’ e nos conduzir ao inesperado. Transpor os nomes para um lugar incomum significa produzir certo deslocamento, portanto certo estranhamento ou admiração.” (AGGIO, 2022, p.48)

Parece evidente que uma pessoa qualquer que, abstratamente, participasse de alguma das edições desse evento que é Olimpíada de Filosofia do Rio de Janeiro sem saber que assim se chamava, seria tomada de surpresa quando lhe fosse revelado o nome. Onde estão as medalhas? E os recordes? A máxima competitividade e os pódios com seus louros, onde? Não deveriam estar presentes as autoridades municipais, estaduais e talvez até federais? Por que não estão lá? Ora, por que não dar ao evento nomes como “encontro estadual”, “congresso” ou “simpósio”, como permite nosso acadêmicos? Se a intenção era escapar do dialeto que tentaram ensinar a nós, professores, por que não “festa”, “festival”, “grande roda” ou “vivência”?

Em sua tese de doutorado, Lara Sayão aponta que “a principal questão que se coloca quando se propõe uma olimpíada de filosofia é justamente que relação teria esta atividade educativa e filosófica com as Olimpíadas gregas”(SAYÃO, 2020, p.43). Sua pesquisa fundamenta primorosamente o uso do termo de origem grega para denominar o evento, mostrando como a Olimpíada de Filosofia se aproxima do culto a Zeus Olímpico em suas dimensões de busca por um ideal de humanidade, do caráter agônico e público das discussões e da máxima valorização da hospitalidade. No entanto, arriscamos dizer que o que causa surpresa e incompreensão diante do nome do evento não é sua referência à Antiguidade Grega, mas sim às apropriações correntes que se impuseram ao imaginário coletivo a respeito da ideia de “olimpíada” no decorrer do século passado e do presente.

Assim, são as olimpíadas modernas que, gestadas por Pierre de Coubertin nos círculos filohelenistas na década de 1890 (2015, p.238), foram assumindo uma importância exemplar na trajetória da indústria cultural ao longo do século XX, e, particularmente, a experiência das olimpíadas escolares, que se disseminaram com força no Brasil no início do século XXI, que moldam em geral o que se entende e o que se

espera previamente de uma olimpíada de Filosofia. Esse parece ser o sentido deste signo, “Olimpíada”, ao menos numa escola federal do subúrbio do Rio de Janeiro, mais do que qualquer referência às Olimpíadas gregas que não seja constitutiva das “Olimpíadas modernas”, e aqui incluímos tanto o espetáculo esportivo quanto a competição escolar.

Diante desses rituais modernos, regidos pela competitividade meritocrática, a Olimpíada de Filosofia do Rio de Janeiro apresenta-se como metáfora, o que não significa que seu sentido olímpico seja meramente figurativo ou impróprio. Entendê-la como metáfora, permite-nos interrogar a respeito do que Paul Ricoeur chama de verdade metafórica (2000, p.376), isto é, o jogo de ser e não-ser, de semelhanças e diferenças, que a conjunção entre o acontecimento e nome oferece ao público com o qual se põe em diálogo. Na Olimpíada de Filosofia do Rio de Janeiro, as semelhanças e diferenças com relação ao que se entende previamente como olimpíada não estão postas de forma estática, mas como deslocamentos, aproximações e distanciamentos, reforçando a potência móvel da metáfora. Como afirma Lara Sayão, a Olimpíada de Filosofia do Rio de Janeiro é uma viagem. Enquanto metáfora, seu nome já impõe a partida para essa viagem.

Os relatos apresentados aqui tratam de momentos de diferentes edições da olimpíada e não se complementam como peças de um quebra-cabeça. Suas perspectivas variam, formando figuras que logo se esvaem em caos e reconfigurações como se olhássemos e girássemos um caleidoscópio. Alejandro Cerletti diz que é importante que o professor saiba “significar” a distância significativa entre o que ele ensina e o que o aluno aprende (CERLETTI, 2009, p.85). Construir significados para essas distâncias é um desses desafios dignos do Sísifo de Camus, pois não há lentes que assegurem um olhar preciso e correto para o que o outro ensina e aprende, assim como não há régua que meça as distâncias do ensinar e aprender. Na falta de lunetas, usamos caleidoscópios. Na falta de régua, experimentamos ir e vir, experimentamos os desvios, atalhos e trilhas.

Parece que um dos muitos pontos de partida das viagens olímpico-filosóficas, lugares que precisamos abandonar, é justamente o sentido de Olimpíada predominante nesses dois últimos séculos, esse “lugar comum” que adentrou e ocupou as escolas com suas provas e classificações. Talvez esse ponto de partida seja também a escola

enquanto instituição disciplinar, da qual se parte para receber acolhida em *outra* escola. Diríamos até que, em certa medida, foi a partir desse uso metafórico do nome que o evento vem construindo sua poética, isto é, às formas de imaginar, organizar e realizá-lo, assim como sua retórica, seu discurso potente e perturbador diante de uma realidade ordinária. O caráter itinerante que tomou a Olimpíada de Filosofia do Rio de Janeiro, saltando ano a ano de cidade em cidade, é apenas um dos goles pelos quais o evento se embriaga da metáfora olímpica e, possuído por aquelas potências, cria outras escolas, outras e outros estudantes, outras professoras e professores, enquanto desapropria a metáfora ruim: aquela comodamente instalada no “lugar comum” da competição, da classificação e do rendimento. A “olimpíada” baseada nessa tríade tornou-se o sentido usual do termo na esfera da educação. Desses lugares precisamos partir para podermos voltar às coisas, aos encontros, à escola e à filosofia.

Na Olimpíada de Filosofia do Rio de Janeiro, a metáfora não está apenas na sua denominação. Podemos ousar dizer que ela cultiva o gosto por metaforizar entre nomes, coisas e jeitos. E, a partir daquela primeira metáfora que nos sinalizava uma viagem à Grécia, tomamos desvios-metáforas, como nas “rodas” e suas “síncopes” (SAYÃO, 2020, p.220-230) que nos aproximam a outras tradições secundarizadas pela História da Filosofia. E como não lembrar da ilha de Paquetá e sua pergunta sobre a felicidade?! Será que podemos dizer que nessa Olimpíada se pratica filosoficamente a metáfora? E como é que fica a Filosofia no meio dessa prática: terá ela sentido próprio ou será ela também metáfora? Parece que também nesse caso, tal como com o termo “Olimpíada”, sob o pretexto de um retorno à Grécia Antiga nos desviamos pela pluralidade de culturas, formas de viver e pensar de outros povos, esses outros que nós somos. E, com isso, a nós voltamos para cuidar de pensar um mundo e uma escola nos quais nos reconheçamos como comunidade, libertando o “comum” debaixo dos entulhos do “lugar comum”.

Conclusão

Os relatos de professor e aluna partem do espanto com o nome da Olimpíada de Filosofia do Rio de Janeiro. Arriscamos dizer que esse espanto é como um marco

inaugural na experiência do evento. Compreendemos essa relação do nome com a coisa como metáfora. Uma metáfora é sempre, de algum modo, um deslocamento de sentido. Através de algumas pistas dos relatos, buscamos entender alguns desses deslocamentos, o que nos reenviou não só para a pluralidade de aspectos contemplados pelo ideal olímpico da Antiguidade Grega, mas também e sobretudo para a cultura de olimpíadas escolares que vem se propagando na educação brasileira no século XXI. Formulamos uma crítica desse modelo de olimpíada escolar. Não se trata aqui de definir o sentido próprio de uma olimpíada escolar, mas de desapropriar o sentido que vem se apropriando da escola e apontar os limites e riscos dessa prática diante de um ideal de escola pública, inclusiva e democrática, que fomente a autonomia dos estudantes e que se recuse a insistir em supremacismos.

Referências bibliográficas

AGGIO, Juliana. “Os usos da metáfora em Aristóteles”. *PrometeusFilosofia*, 14(40), 2022.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. 5a ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1998.

CERLETTI, Alejandro. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. Trad. De Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

COUBERTIN, Pierre de. *Olimpismo: seleção de textos*. Edição de Norbert Müller e Nelson Schneider Todt. Trad. de Luiz Carlos Bombassaro. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2015.

MARTINS, Alejandra. O que realmente nos faz felizes? As lições de uma pesquisa em Harvard que há quase oito décadas tenta responder a essa pergunta”. BBC News Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-38075589>. Acesso em 18 mai. 2021.

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad de Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

PINTO, Felipe G.; NASCIMENTO, Carolina E. N. do
Experiências, memórias e metáforas: as Olimpíadas de Filosofia do Rio de Janeiro nos relatos de um professor e de uma aluna

SAYÃO, Lara. *Olimpíadas de Filosofia do Rio de Janeiro: o pensamento na roda*. Rio de Janeiro: NEFI, 2020.